

O presidente e as vaias

Lula é o presidente, foi reeleito com folga e se disputasse a eleição hoje provavelmente obteria o mesmo resultado. Mas não passa pelo teste do estádio lotado. É uma demonstração da enorme diferença entre a aprovação e a idolatria, o apoio e a militância

Por Gustavo Krieger (interino)

gustavo.krieger@correioweb.com.br

Tudo bem, foi constrangedor. Um verdadeiro mico. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva preparou-se por meses para saborear uma recepção de herói na abertura dos Jogos Pan-americanos do Rio de Janeiro. Liberou dinheiro a rodo para as obras, inaugurou todo tipo de instalações esportivas, bateu pênalti no Maracanã, desfilou com o uniforme da delegação. Quando chegou a hora, diante do estádio lotado, foi vaiado nada menos que seis vezes. Para piorar, uma mistura de trapalhada política com erro do cerimonial fez com que o presidente desistisse de fazer a declaração oficial de abertura dos jogos, mas ninguém avisou o pessoal que cuidava da transmissão da TV. O resultado foi a imagem de um Lula parado em frente ao microfone, com o discurso nas mãos, enquanto o presidente do Comitê Olímpico fazia as honras. Mas pior que tudo isso foi a reação do presidente às vaias. Lula não apenas ficou emburrado, mas deixou a frustração transparecer. Com isso, aumentou o tom do episódio e deu munição a seus adversários. Na próxima vez em que aparecer em público fora dos ambientes controlados das cerimônias de inauguração ou visitas oficiais, corre o risco de ouvir o mesmo som desagradável. Afinal, seus adversários sabem que ele se importa.

Kleber Sales/CB



Um líder não tem o direito de ficar emburrado. Ao menos, não publicamente. Esse é um sinal de vulnerabilidade e quando o motivo da raiva é uma vaia emanada das arquibancadas de um estádio de futebol ganha outro componente desconfortável. Sugere desagrado com manifestações populares, próprias da democracia.

Mal tinham saído do estádio, os conselheiros presidenciais buscavam entender as vaias, ou pelo menos achar uma explicação conveniente para elas. Lula foi reeleito há menos de seis meses. No Rio de Janeiro, teve 69% dos votos no segundo turno, percentual bem maior que sua média nacional. As pesquisas mostram que sua popularidade continua alta e o governo, bem avaliado. Dias antes, o governo anunciara com orgulho o maior índice de crescimento nos empregos formais da história. Além disso, no início do segundo semestre, o presidente despejou verbas no Rio, especialmente com o Pan. Então, por que foi vaiado?

Estádio adversário

O primeiro impulso foi lembrar a frase de Nelson Rodrigues, de que “o Maracanã vaia até minuto de silêncio”. Faz sentido, especialmente em um momento no qual os políticos estão mal-avaliados pela opinião pública. Mas se é assim, porque o estádio aplaudiu o prefeito Cesar Maia (DEM), cujo nome foi anunciado segundos depois do de Lula e do também vaiado governador Sérgio Cabral (PMDB)? Não demoraram a surgir teorias de conspiração. Maia teria distribuído ingressos para sua claque e esses militantes teriam vaiado Lula e aplaudido o prefeito. Quem conhece um estádio de futebol sabe que não é nada fácil organizar uma vaia artificial. O que dirá seis.

Seria a torcida brasileira na abertura do Pan formada por direitistas empedernidos? Difícil acreditar, quando se viu os mesmos torcedores aplaudirem calorosamente a delegação de Cuba e darem uma pesada vaia aos atletas dos Estados Unidos.

Parte da explicação está na composição da torcida, com certeza. Os ingressos custavam entre R\$ 20 e R\$ 250. A platéia era de classe média e as pesquisas mostram que ainda existe entre os brasileiros não pobres um forte resquício da rejeição a Lula que marcou as eleições de 2006. Essa rejeição é mais forte na classe média do Sul e Sudeste e dos grandes centros. Lula estava jogando em estádio adversário, por assim dizer. Mesmo assim, seis vaias é muito. Tem juiz de futebol que ouve menos apupos.

É provável que a vaia seja motivada por uma combinação de todas essas explicações. Misturada a uma saudável iconoclastia brasileira. Lula é o presidente, foi reeleito com folga e se disputasse a eleição hoje provavelmente obteria o mesmo resultado. Mas não passa pelo teste do estádio lotado. É uma demonstração da enorme diferença entre a aprovação e a idolatria, o apoio e a militância. Esse distanciamento é bom para a democracia. Mesmo que irrite os ouvidos do presidente.